OLHARES SOBRE O JECA BRASILEIRO

Vejane Gaelzer[1]
FEMA[2]
SETREM[3]

RESUMO: A proposta do presente trabalho está centrada na reflexão sobre a construção da representação de uma das figuras típicas do cenário brasileiro: Jeca Tatu, o caipira, o preguiçoso. A construção desse sujeito, deu-se por meio de práticas discursivas, iniciadas por Monteiro Lobato, em A velha praga, e enraizadas pelo próprio autor com o conto Urupês. Assim, a escrita desse artigo é fruto de leituras e pesquisas realizadas a partir de uma reflexão sobre o poder do discurso, logo, da linguagem, que é uma instância de representações, perpassando todas as áreas do conhecimento. Também estão, no trabalho, presente interlocuções ente alunos e professores do Mestrado nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Baseado nesse estudo, propõe-se um outro olhar sobre os discursos e as obras que são lidas e tidas como parte do elenco do cenário educacional brasileiro, constituindo sujeitos, como: Jeca Tatu, excluindo outros, a exemplo: Zé do Brasil. Daí a pertinência de um olhar questionador, um pensar diferente e critico, conforme a proposta de Foucault.
Palavras-chave: Jeca Tatu, caipira, preguiçoso, construção discursiva

Abstract: the proposal of this job is centered na the reflexion about the representation building from a typical figurre in the Brazilian scene: Jeca Tatu, the caipira, the lazy guy. The construction of this subjet happened through the others view, through writing practices, written by Monteiro Lobato, in A velha praga, and emphasized out by the own author with the short story Urupês. So, this article writing is a result of readings and researches carried out since a reflexion about the power from the others view, from the speech, therefore, of language, that is a field of representation different regions. It is also present, in this article, an analysis of a study about the caboclo in the "planalto agrário gaucho", beside some dialogues between students and teachers from the Master´s degree at Science Mestrado nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Based on this study, it is proposed another glance at the speeches and the short stories that have been read and considered a part of the group in the Brazilian educational scenery constituting subjects, like: Jeca Tatu, excluding others, for instance: Ze do Brasil. From

[1]Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, pós-graduada em Informática Aplicada à Educação pela Universidade de Passo Fundo - UPF e em Estudos da Língua Alemã pela Otto-von-Guerick-Universität Magdebrug, na Alemanha, Mestre em Educação nas Ciências em 2005 pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora de Língua Portuguesa Faculdade de Pedagogia na Sociedade Educacional Três de Maio – SETREM - e professora dos cursos de Direito e Administração na Fundação Educacional Machado de Assis - FEMA. E-mail: vejane@setrem.com.br
[2] Fundação Educacional Machado de Assis – R: Santos Dumont, 820, Santa Rosa, RS – fema@fema.com.br
[3] Sociedade Educacional Três de Maio – Av: Santa Rosa, 2504, Três de Maio, RS – setrem@setrem.com.br

this, the need of a questioning glance, a different and critical thinking according to the Bakhtin and Foucault proposal.
Key words: Jeca Tatu, caboclo, lzy, subject and writind burlding

Diversos livros são lidos e, muitas vezes, não se percebe que eles influenciaram diretamente na construção do cenário brasileiro educacional, logo, as diversas representações que tipificam o povo brasileiro. Dentre eles: Jeca Tatu, assim os jecas brasileiros, o responsável: Monteiro Lobato. Na sua publicação de Urupês, em 1914, livro de contos, considerada obra-prima do escritor e um clássico da literatura brasileira, dentro do Pré-Modernismo.

Na época, impulsionadas pelo desejo ardente de desenvolvimento, as elites intelectualizadas procuravam detectar os entraves da falta de progresso e as raízes dos males que assolavam o Brasil. Estavam em busca de uma análise plausível sobre a incapacidade do povo brasileiro de construir uma Nação moderna, desenvolvida, a exemplo dos Estados Unidos.

Nessa ânsia progressista, inclui-se Monteiro Lobato – fazendeiro por herança das terras do avô – que percebe os aspectos negativos das queimadas realizadas pelos incendiários, que eram os moradores da roça e eleitores. Como eleitores fiéis aos partidos gozavam do direito de queimar o próprio mato e o alheio. Por isso, sob forma de protesto ele descreve o caboclo, no artigo "Velha Praga" para o Jornal de São Paulo (1914):

> Este funesto parasita da terra é o CABOCLO[4], especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando, vai ele fugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão [...] de modo sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se [...] o caboclo é uma quantidade negativa (LOBATO, 1984, p.135).

[4] A escrita maiúscula da palavra se encontra na própria obra.

Porém, Lobato[5] não encerra seu descontentamento para com o caboclo, no artigo a Velha Praga e dedica um conto o Urupes[6] para caracterização total do caboclo, o Jeca Tatu.Nas palavras do autor "Pobre Jéca Tatú! Como és bonito no romance e feio na realidade!" (1984, p.148)

Ainda palavras do mesmo autor (1984, p.150);

> Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deixa-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exigia celeiro. O vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente. No meio da natureza brasílica, tão rica nas formas e de cores.

Assim, cria-se o discurso do caboclo preguiçoso, nome: Jeca Tatu, símbolo do povo brasileiro, o pobre preguiçoso responsável por todos os males do país, tornando-se uma das mais fortes representações da nossa identidade, presente ainda hoje. Logo, articula-se o retrato do pobre, do ignorante e do doente da sociedade, tornando-se ícone do atraso econômico, político e mental. O regime dessa verdade discursiva produzida pelo autor, que ocupava lugar privilegiado, moldou a "consciência nacional", referindo-se à identidade do povo de forma pejorativa e negativa, através do qual o povo passa a se olhar e a reconhecer sua imagem. Portanto, havia a necessidade de superar: a preguiça, a ignorância, a passividade e a submissão aos coronéis. Este último aspecto também explícito no conto. Segue (1984, p.151):

> O fato mais importante de sua vida é sem duvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa de casamento, sarjão furadinho de traça e todo riscado de dobras; entala os pés num alentado sapatão de bezerro, ata ao pescoço um colarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando.
> [...]
> Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos a que chama da sua graça.

---

[5] Lobato reproduz o pensamento vigente na época na elite, considerando o caboclo o responsável pelo atraso espiritual e técnico, que impedia o proprietário de seguir adiante, pois o caipira era feio, papudo e molenga, continuando inerte e de cócoras, impedindo o progresso. Daí a expressão piolho-da-terra.

[6] O próprio nome do conto é metafórico, uma vez que urupê é uma espécie de fungo, parasita, assim como o próprio caboclo, parasita da terra.

Também deixa aflorar na obra aspectos inerentes à religiosidade do caipira:

> Todos os volumes de Larousse não bastariam para catalogar as crendices, e como não há linhas divisórias entre estas e a religião, confundem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde pára uma e começa outra.
> A idéia de Deus e dos santos torna-se Jéco-centrica. (LOBATO, 1984, p.154)

A partir das citações percebe-se que Jeca Tatu reúne uma carga negativa razoável, pois carregava uma imagem de trabalhador rural como homem moral e fisicamente fraco, o piolho-da-terra. Porém, em relação a isso, Pavão (1998) afirma:

> Lobato olhara a desgraça, mas não vira o desgraçado, vítima da miséria e da exploração brasileira. Não passara de uma análise superficial da tragédia campesina nacional. A criação não passara então de uma querela entre o "proprietário" e "seus caboclos". Se Jeca é o piolho-da-terra, que será o fazendeiro que tão naturalmente se instala sobre seu lombo miserável?

O próprio Monteiro Lobato percebe da repercussão de seu discurso sobre o caboclo, o caipira preguiçoso e tenta se retratar na quarta edição do livro Urupês, ainda em 1918, num texto "Uma explicação desnecessária", assumindo uma outra postura: o pedido de perdão ao pobre e doente Jeca. Assim tentou:

> Cumpre-me todavia, implorar perdão ao pobre Jeca. Eu ignorara que era assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tem no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só te via em ti mamparra e ruindade. Perdoa-me, pois pobre opilado. (LOBATO, 1984, p.5)

Ao tentar redimir-se, Monteiro Lobato assume uma explicação médico-científica, porém não suficiente para descaracterizar a figura representativa, anteriormente criada. Portanto, a ineficiência de Jeca não era mais uma questão de inferioridade, ignorância, preguiça, mas um problema médico-sanitário: o caipira é doente. Na epígrafe do livro Problema Vital, isso é bastante elucidativo: o Jeca não é assim, ele está assim. Infelizmente, esse retratamento não apagou o discurso criado sobre o Jeca preguiçoso.

Ainda tentando retratar-se, no final dos anos 40, publica pela Editora Vitória: O Zé do Brasil, que seria um Jeca compreendido não como um preguiçoso, mas como um mero doente, um trabalhador doente "Coitado deste Jeca. Tal qual eu. Tudo o que ele tinha, tinha eu também. A mesma opilação, a mesma maluta, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho". Lobato procura denunciar a situação precária do caipira, o desprezo do governo para com a vida deles.

Entretanto, nenhum discurso pós-Jeca Tatu teve o mesmo efeito na sociedade e não apagou a representação do jeca brasileiro pobre e preguiçoso, uma vez que era este discurso, o do caboclo preguiçoso e de cócoras, mais conveniente para a sociedade, dentro das relações de poder. Surge então uma questão muito importante: já enterramos o Jeca Tatu ou a representação do pobre preguiçoso ainda perpetua no contexto da nossa sociedade, transferido até mesmo para as salas de aula? E o exemplo do Biotônico Fontoura continua de exemplo para os professores de ciências para trabalhar a doença do Jeca Tatuzinho?

Assim sendo, essa obra com a personagem protagonista, Jeca Tatu, firmou-se como aquele que dizia a "verdade" do "povo brasileiro" e manteve-se inquestionável e perpetuou, passando seu discurso também para as artes, especificamente: a música sertaneja.

É na música sertaneja que o caipira[7] sente-se representado, pois com um chapéu de palha e cantando coisas diferentes do que se ouvia na cidade, o caboclo cantava suas cantigas relacionadas à roça, à sua condição. Portanto, adotando o "sertanejo" como sua principal manifestação cultural musical. Dentre os primeiros intérpretes, os trabalhadores da lavoura: Mariano, Caçula e Ferrinho, Bastiãozinho, entre os outros.

[7] Certo é que a música caipira brasileira passou por uma reformulação geral, trocando o chapéu de palha pelos chapéus de feltro e pêlo, e a falta de dentes foi substituída por um sorriso branco e rosto limpo. Ora, sabe-se que os tempos mudaram e que, muito provavelmente, nada escapa a essa mudança, inclusive a música rural ou caipira.

Para elucidar essa realidade caipira das melodias sertanejas, segue uma parte da letra de uma música interpretada por Zezi Di Camargo e Luciano[8], entre tantos outros, que já gravaram esta linda música intitulada: A tristeza do Jeca, prova de que o discurso do Monteiro Lobato não se esvaiu, pois chegou até os cantores de hoje.

Eu nasci naquela serra
Num ranchinho beira-chão
Todo cheio de buracos
Onde a lua faz clarão
Quando chega a madrugada
Lá no mato a passarada
Principia um barulhão
Nesta viola, canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade
Lá no mato tudo é triste
Desde o jeito de falar
Pois o Jeca quando canta
Dá vontade de chorar
E o choro que vai caindo
Devagar vai-se sumindo BIS
Como as águas vão pro mar (In: http://cifraclub.terra.com.br/cifras/11/11/05)

Essa música é uma típica representação da vida do caipira, regrada de diversos pontos negativos. Para Foucault isto seria um típico exemplo de práticas discursivas nos diferentes campos, tanto que, esse discurso já está incorporado no nosso próprio discurso. Dado que um sujeito, Monteiro Lobato, produziu um outro sujeito, o caboclo/o caipira, resultado das relações de poder[9]. Portanto, o caboclo apresentado como preguiçoso e ignorante é apenas uma invenção do fazendeiro, frustrado com o não desenvolvimento do país e repassando todo seu rancor ao caipira: o piolho-da-terra. Para Foucault (2004, p.10) "O discurso, por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder." Daí que para o autor o discurso constrói sujeitos, sujeitados ao poder e a múltiplas coerções, passando para a materialidade do discurso. Em suas palavras:

---

[8] O autor da letra que é Angelino Oliveira.

[9] Para Foucault ninguém é desprovido de poder, pois todos exercem e sofrem poder concomitantemente, de acordo com o lugar que ocupam. Recomenda-se o livro Vigiar e Punir de Foucault, para um estudo mais aprofundado sobre esse assunto.

> [...]suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2004, p.08-09)

Então, uma questão bastante importante abordada por Foucault (2004) "Mas o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?" Considerando os elementos apontados anteriormente, já temos a resposta para esse questionamento. Prova disso é o compartilhamento e a permanência desse discurso na representação do pobre preguiçoso, até hoje em vários locais, não somente na região paulista de Monteiro Lobato.

Sendo o discurso materializado, ele produz verdade, no caso, a de que o caboclo era um sujeito preguiçoso, feio, papudo e molenga. Essa verdade por sua vez é regulada e criada a partir das relações de poder. O mesmo autor postula que:

> Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como sancionam uns e outros; as técnicas e procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT,1987 apud EIZIRK)

Logo, percebe-se porquê do discurso do Zé do Brasil não se transformou em verdade, pois os regimes de verdade estão permeados e se constituem a partir das relações de poder e as reproduzem na sociedade. Uma vez que" a verdade não existe fora do poder ou sem poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. (FOUCAULT, 1986, apud EIZIRIK).

Muitas vezes, nos apropriamos de discursos sem nos dar conta das relações de poder implícitas (ou até mesmo explícitas), não percebendo que aquele que exerce o poder, na vontade da verdade, na vontade de dizer o discurso verdadeiro, não está nada mais em jogo, senão: o desejo e o poder. Daí a não fecundidade do discurso do Zé Brasil, totalmente compreensível, e a propagação do discurso do Jeca brasileiro preguiçoso.

Porém, como o próprio Foucault (1984) afirma “existem momentos na vida onde a questão de saber se há a possibilidade de pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e a refletir.” Talvez, poderíamos começar com o nosso ilustre: Monteiro Lobato e seu Jeca Tatu: o brasileiro preguiçoso.

REFERÊNCIAS

APÓSTOLO, Antonio Netto. **Jeca Tatu e a história dos debaixo.** Revista Espaço Acadêmico – ano III –nº 26, julho de 2003. In: www.espacoacademico.com.br

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11ªed São Paulo: Loyola, 1996.

_____**História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault: um pensador do presente.** Ijuí: Unijuí, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Urupês.** São Paulo: brasiliense. 30ª ed.1984.

OLIVEIRA, Angelino. **A tristeza do Jeca**. In: http://cifraclub.terra.com.br/cifras

PALMA, Ana. **Monteiro Lobato e a gênese do Jeca Tatu.** Revista Fiocruz, nº 3, novembro de 2003. In: www.fiocruz.br/ccs/revista/n3

PAVÃO, Jadyr Jr. **Do ódio ao cabloclo à luta em favor de Jeca Tatu.** In: www.jt.estadao.com.br/noticias/98/10/31/sa8.htm